

Miguel Gonçalves Mendes

JOSÉ e PILAR

Conversas Inéditas

Préface de Valter Hugo Mãe



QUETZAL



uma pessoa pode, enfim, por uma perda da pessoa a quem ama, por exemplo, suicidar-se, a isso chamaria eu morrer de amor. Agora não há nenhuma doença do amor, ou melhor, as doenças do amor são de outra natureza, são o cansaço, são o aborrecimento, são a rotina, essas são as doenças do amor. Agora, morrer de amor? Não sei.

Se puede morir de desgarró,
se puede morir de despecho...
De eso que hablábamos antes,
de perversión, de la perversión
de los sentimientos que pueden
ir consumiendo, pero el amor
es expansivo, lo llena todo.
No se puede morir de amor.
Creo que se vive de amor.

Miguel Gonçalves Mendes

José e Pilar
Conversas Inéditas

Transcrições: Carlos Figueiras, Carmen Titos,
Daniela Siragusa, Miguel Mendes, Pedro Ramos

Título: José e Pilar – Conversas Inéditas

Autor: Miguel Gonçalves Mendes

Edição: Lúcia Pinho e Melo

Revisão (Português): Pedro Ernesto Ferreira

Revisão (Castelhano): León Acosta

Projeto gráfico original: RPVP Designers

Design da Capa: Rui Rodrigues · Quetzal Editores

Fotografia da capa: © Stills do filme *José e Pilar*,
de Miguel Gonçalves Mendes, direção de fotografia
de Daniel Neves

Composição: José Campos de Carvalho

Execução gráfica: Bloco Gráfico, Lda.
Unidade Industrial da Maia

© 2011 Quetzal Editores e Miguel Gonçalves Mendes

[Todos os direitos para publicação desta obra em língua
portuguesa, exceto Brasil, reservados por Quetzal Editores]

ISBN: 978-972-564-984-8

Depósito legal: 333 825/11

Quetzal Editores

Rua Prof. Jorge da Silva Horta, 1

1500-499 Lisboa PORTUGAL

quetzal@quetzaleditores.pt

Tel. 21 7626000 • Fax 21 7625400

Edição segundo as regras do Novo Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa



A **cópia ilegal** viola os direitos dos autores.
Os prejudicados somos todos nós.

Ao José, à Pilar e ao Henrique

Diálogo

Valter Hugo Mãe

A EXPRESSÃO DE JOSÉ SARAMAGO teve sempre que ver com a oportunidade do homem comum. A sua voz, tão aparentemente simples quanto sábia, aspirou sempre à universalidade e o que mais fez foi revelar. Seria a sua principal magia, essa de dizer respeito a todos mas estar dependente de uma superior revelação ao alcance apenas do génio. Deve ser isso que faz a diferença entre o esforçado e o escolhido, a capacidade de expressar o que urge expressar e que tão poucos são capazes de fazer.

Li sempre os seus livros à procura do que importa para a vida e pensei também que a ficção num romance serve apenas para situarmos as ideias e, de mansinho, chegarmos à realidade e ao diálogo com o coletivo das pessoas. José Saramago fazia dos seus livros esse diálogo inclusivo, a solicitar dos leitores um empenho intelectual e emocional para pensar com seriedade sobre as mais diversas questões. Não está nunca em causa entreter o leitor no sentido quase leviano de lhe fazer passar o tempo, está em causa a proposta de um engrandecimento que, permitindo uma dimensão lúdica, passa pela maturação dos sentimentos e um exigente exercício de cidadania. Ler Saramago é, indubitavelmente, ser cidadão e com isso estar preocupado.

Defino categoricamente José Saramago pela sua honestidade intelectual, uma frontalidade que caracteriza todo o seu

discurso. Poucos serão os escritores, os muito grandes escritores, que assumiram de modo tão declarado o seu compromisso ideológico, talvez até a sua utopia, dentro e fora dos livros, à procura de se colocarem diante da sociedade como essa voz de uma tremenda transparência e reiterada preocupação. Nas suas entrevistas, José Saramago partia dos livros para chegar à estrutura dos assuntos levantados, que é o mesmo que dizer que pretendia levar-nos a pensar, e pensar melhor, acerca da estrutura da sociedade que construímos ou toleramos. Sonhava com isto tudo ser melhor. Sonhava, coisa que a apatia vai matando mais e mais entre todos.

Parece-me claro que nunca se deu ao desperdício e teve na coerência uma garantia de identidade que, radicalmente humanista, quis seduzir o comum das pessoas para a grande participação nas preocupações coletivas.

As entrevistas que ficaram são prova dessa postura de asunção e apelo, feitas de simplicidade e aquela habilitação para a universalidade que tão raramente se descobre em alguém. O inusitado dessa frontalidade, muitas vezes quase uma vulnerabilidade de herói por se expor com coragem, podia resultar numa provocação a tanta gente. Mas, talvez, sentir-mo-nos provocados signifique que se problematizam questões às quais estamos agarrados já sem grande lucidez para as abordarmos de outro modo, para as repensarmos e, quem sabe, as decidirmos melhor.

A figura de José Saramago, certamente como toda e qualquer figura de dimensão mundial e grande génio, suscitou constantemente arrufos, urticárias e brigas, havendo mesmo quem se negue a considerar o que fez, o que disse, o que se disse ou diz do seu trabalho e pessoa, o que se faz. Como creio que acontece com Miguel Gonçalves Mendes, também eu sou abordado frequentemente por pessoas que querem protestar contra as mais diversas questões relativas a Saramago. Desde logo a falta de pontuação e a desconfiança para com a Igreja

são tópicos em que nos metem num mesmo saco, quase obrigatoriamente para uma sova já obstinada e fanática. Sempre me fez confusão que as pessoas religiosas possam pedir o mal, e até a morte de alguém, e mais confusão me fez que, depois de publicado o último romance de Saramago, me viessem algumas pessoas deixar os mais cruéis recados. Se Deus existisse e agisse a mando daquelas vontades, Deus seria o diabo. Isto para dizer que também a mim me perguntam pelo episódio do *Diário de Notícias*, como se eu tivesse lá estado, ou como se eu pudesse pedir desculpas por qualquer erro. Também eu andava curioso por saber, afinal, o que se passou. Pois, definitivamente, a versão de José Saramago está guardada, segue guardada neste livro para contar para as conversas, diria, dos de boa-fé.

O que o trabalho de Miguel Gonçalves Mendes tem representado para o tesouro do testemunho de Saramago é de valor inestimável. É o melhor dos legados para todos quantos vivem e viverão, permitidos que ficam para o acesso à intimidade com o grande mestre, ou, por outras palavras, para o acesso a um diálogo eminentemente desmascarado com o grande mestre. Mas o grande mestre não estaria nunca completo nesta sua dimensão mais pessoal sem a companhia de Pilar del Río, tão distinta quanto já complementar do escritor.

Em certo sentido, e porque talvez o grande património de José Saramago no que respeita às suas ideias se estendeu por tantos livros e infinitas entrevistas, é em Pilar del Río que este volume encontra o seu mais raro documento. A par de tantas declarações e explicitações de Saramago, é o retrato de Pilar que adquire uma força impressionante, força que creio já não surpreender ninguém, e que creio estar também na base da grande comoção que tem criado o documentário José e Pilar e que agora, com este livro, se adensa. Pilar del Río é, sem dúvida, uma das mais imperdíveis mulheres dos nossos dias. De opiniões rotundas e sensibilidade austera, é uma mulher de

inteligência quase assustadora, reclamando para si a liberdade intelectual que, por contínuo preconceito, muito se deixa reservada para os homens. Eu arriscaria dizer que este livro é a oportunidade, nossa, a dos leitores, de encontrar Pilar e, por isso, completar Saramago. É a grande partilha com ela que permite entender melhor o universo do escritor, o espaço afetivo em que se movia e o incondicional da construção familiar em que se viu protegido, ou, como se deve dizer, onde se viu amado.

Miguel Gonçalves Mendes talvez não o soubesse quando a isto se propôs, mas agora é cristalino que o seu trabalho, assente na sua persistência simpática, oferece ao mundo um recurso de tão grandiosa importância. Uma importância até emocional, que comove, por nos permitir seguir com o mundo como se Saramago estivesse ainda vivo. Claro que o seu discurso está vivo e quem somos ainda urge pela utopia humanista que tinha para nós. O mundo vai precisar de José Saramago por muito e muito tempo. Desconfio que para sempre. Este livro é uma oferta generosa para a satisfação dessa necessidade.

SOBRE OS SONHOS

O MILAGRE É QUE ISTO FUNCIONE. Que o corpo, qualquer corpo vivo, uma árvore... não vamos agora pensar que é simples.

É claro que vêm as enfermidades, vêm as doenças, que umas vezes se resolvem e outras vezes não, é até à última. Que, enfim, essa nunca se resolve.

Um corpo com saúde funciona como um motor de um carro que hoje em dia praticamente também não se ouve. Tudo é silencioso. Estranho seria que não parasse.

Para voltarmos ao automóvel, também se pode dizer que é estranho que ele não pare, que se lhe mete dentro uma coisa chamada gasolina, que anda a uma velocidade extraordinária, até que um dia para. Algo se rompeu, algo se quebrou, algo se avariou. Os materiais avariavam-se. É o chamado cansaço dos materiais, quando não é outro tipo de avaria...

E nós somos uma máquina, que funciona bem durante um tempo, que depois começa a funcionar menos bem, e chega sempre o dia em que deixa de funcionar.

Imagina se não fosse assim.

O Sonho do Triângulo *take 1*

QUANDO ERA GAROTO, TINHA SONHOS RECORRENTES. Um que todos nós tivemos, de poder voar, isso aí não há exceção. E tinha um pesadelo de que aliás falo em *Todos os Nomes*. Sonhei isto uma quantidade de vezes: era um espaço fechado, sem portas nem janelas, com uma forma triangular, e num dos cantos dessa forma triangular, havia qualquer coisa que eu nunca soube o que era, e essa qualquer coisa que podia parecer um pouco de água no chão ou uma pedra (mas que ao mesmo tempo era tudo isto, mas nada disto) começava a crescer. Começava a crescer e havia uma música que também nunca consegui fixar, e aquilo ia crescendo, crescendo, crescendo, e eu não podia... estava fechado ali, não podia escapar.

E aquilo crescia, crescia, e ia-se aproximando, aproximando, aproximando e já quase sufocado, enfim, acordava.

Eu já sabia quando ia para a cama que me ia encontrar no tal triângulo.

Isto durou até à adolescência, dezassete ou dezoito anos, depois desapareceu.

Depois desapareceu.

Que música era?

Era clássica... era uma música que soava... sempre a mesma. Mas que não posso decifrar. Tinha que ver com o crescimento ou... eu sei lá.

O Sonho do Triângulo *take 3*

ALÉM DAQUELE SONHO RECORRENTE QUE TODOS TEMOS, ou que todos tivemos e que é voar – que não era só um desejo, era de facto algo que podíamos fazer... e subíamos e baixávamos com os braços abertos –, eu tinha também um outro sonho que mais rigorosamente se devia chamar pesadelo, recorrente também, e que era do mais angustiante que... Era invariavelmente este: Eu encontrava-me num espaço fechado, sem portas nem janelas, num espaço triangular, e eu estava num dos vértices desse triângulo, num canto. No outro lado, à distância, via qualquer coisa no chão e essa qualquer coisa que eu não poderia dizer exatamente o que era... porque às vezes me parecia água, qualquer coisa que num certo momento começava a inchar, a ocupar mais espaço... E havia uma espécie de música de fundo, que era sempre a mesma, e de que eu não consigo recordar nem uma nota, que acompanhava o que se ia passar. E o que se ia passar era simplesmente isto: eu, nesse canto do triângulo, e essa massa, que depois já não era qualquer coisa simplesmente no chão, era uma massa compacta não sei de quê, que se ia aproximando, aproximando, aproximando e que quando chegava a mim (com essa música obsessiva), de repente, eu acordava assustado.

Mas com o tempo e com a repetição desse sonho eu acabei por saber que não ia acontecer nada e quando o sonho

começava eu já nem me importava muito, porque sabia como ia acabar. Portanto o que podia ser um pesadelo insuportável acabou por se transformar afinal numa espécie de jogo.

Ver o que é que acontece....

O Sonho do Rio

AGORA O SONHO MAIS EXTRAORDINÁRIO que eu tive em toda a minha vida... em toda a minha vida, e tive-o não sei que idade tinha, vinte e tal anos ou à volta disso, era de um rio. Não era um rio com um grande caudal, era, enfim, um riacho.

O fundo, o leito do riacho, era constituído por pedras pequeninas brancas e água transparente, do mais transparente... a água a que nós chamamos cristalina.

Naquilo a que podemos chamar as margens, um campo, todo ele verde. E ao fundo, muito ao longe, tanto de um lado como de outro, uma fileira de árvores.

E eu dentro de água, andando, completamente nu, em direção... não sei a quê.

E oiço ainda o barulho da água do sonho e o ranger das pedrinhas.

Nunca houve nada em beleza que se comparasse a isto.

É que não era nada! Não ia com uma rapariga, estava sozinho ali.

Sobre os Sonhos

O SONHO É UMA ESPÉCIE DE REALIDADE VIRTUAL. A realidade virtual não foi inventada ontem, o homem das cavernas já sabia o que era a realidade virtual... porque sonhava.

Portanto não me venham cá com histórias... Ai! a realidade virtual! Ui!... Isso é tão velho como o mundo.

Estamos a viver no sonho coisas como se elas existissem – estão dentro da nossa cabeça simplesmente. É como se viajássemos para dentro da nossa cabeça e vivêssemos aquilo que está lá.

Antes, não lhe podíamos chamar realidade virtual, porque o conceito não existia. Chamávamos-lhe apenas sonho.

E a verdade é que nós dormimos, mas o cérebro não dorme. Portanto dos dados da experiência, da consciência e do que pode recordar, o cérebro organiza histórias.

O cérebro não dorme, aliás, nada dorme. O coração tão-pouco dorme, o sangue flui. Todas essas células, tudo isso, a bicharada que está dentro de nós não para.

O sangue tem de chegar ao cérebro, a toda a parte, e lá tem os seus caminhos, as suas comportas, os seus diques, os seus canais de comunicação. É assim, pá...

JOSÉ

A famosa história do *Diário de Notícias*

José, olhe, uma primeira pergunta que eu lhe queria fazer, porque nunca percebi muito bem... Porque algumas pessoas não simpatizam muito com o José...

Ah, sim, que não simpatizam.

Que haverá algumas! (Risos.) Quando eu digo bem de si, elas dizem-me sempre: «Ah, não sei quê, mas ele quando estava à frente do Diário de Notícias...» Que história é essa que eu nunca percebi, a famosa história do Diário de Notícias?

E você quer que lhe conte a história do *Diário de Notícias*?

Sim...

Estamos em mil novecentos e setenta e cinco, e portanto em pleno verão quente da revolução. Tinha havido um conflito no jornal *República*, um jogo entre uns e outros a ver quem controlava aquilo, e nós, enfim, nós, os comunistas, não tínhamos nada que ver com aquele assunto, era uma questão entre elementos do Partido Socialista. Aquilo acabou por se resolver de uma maneira coxa mas, enfim, resolveu-se, e nós estávamos num tempo em que, enfim, digamos, valia tudo, e como a questão *República* ficou mais ou menos arrumada, o Partido Socialista estava interessado em criar dentro do

Diário de Notícias, que de alguma forma era controlado por nós, um foco... enfim, um problema.

Estamos, salvo erro, em agosto, eu era então diretor-adjunto do jornal, e um dia o diretor propriamente dito, o Luís de Barros, estava de férias no Algarve, e portanto eu tinha toda a responsabilidade do jornal... e numa manhã entram-me pela porta dentro no gabinete quatro ou cinco jornalistas, gente muito ligada à direita e à extrema-direita, que também a tínhamos lá dentro, uma espécie de *pot-pourri* que no fundo se deixava manipular ou era parte da manipulação, de maneira mais ou menos consciente, mas de qualquer forma mal-intencionada. E aparecem com um papel em que, segundo diziam, representavam trinta e não sei quantos jornalistas – que depois passaram a ser vinte e dois ou vinte e três – e queriam, exigiam, publicar esse papel que tinham escrito, na edição do dia seguinte. E aí o que havia era uma crítica, uma discordância da linha editorial do jornal que eles queriam manifestar, e eu disse «Não estou nada de acordo com isto, mas há neste jornal uma entidade superior à Direção, e mesmo em certos aspetos até ao próprio Conselho de Administração da empresa, que é o Conselho Geral de Trabalhadores. Então eu vou convocar para esta noite uma reunião geral de trabalhadores, e se nessa reunião for decidido que o papel se deve publicar, publicar-se-á». Foram-se embora, eu chamei os dirigentes do Conselho de Trabalhadores, que leram o papel, e ficaram indignadíssimos, «Estes gajos, filhos da puta! assim e assado», e à meia-noite reuniu-se lá no último andar o Conselho Geral de Trabalhadores. Eu subi, dei a minha opinião sobre o que estava ali e retirei-me para o meu gabinete, portanto deixando o debate livre. Curiosamente esse mesmo papel já estava na BBC, para que o foco de agitação tivesse também o seu vetor internacional. O que aconteceu é que lhes saiu o tiro pela culatra a todos eles, porque os trabalhadores suspenderam os jornalistas e ordenaram que se lhes movesse um processo disciplinar a todos eles.

Quando aquilo acabou, eles desceram ao meu gabinete para me informar e eu disse «Sim, senhor, andem lá para a frente». O assunto passou à Administração, que nomeou uma pessoa encarregada de ouvir as declarações que eles tinham a fazer, e o resultado daquilo foi que uns quantos foram demitidos, e a culpa tenho-a eu.

E nem sequer estava presente.

Mais tarde disseram que se eu tivesse sido menos veemente as coisas talvez se tivessem passado de outra maneira. Pois... agora a veemência?

Mas o José aconselhou a suspensão dos jornalistas?

Não, senhor, que ideia! Não aconselhei nada! Então como é que eu iria aconselhar? É o Conselho Geral de Trabalhadores que decide suspendê-los da sua atividade, eu não tinha nada que ver com isso. O meu papel aqui foi este, nada mais. Mas evidentemente a eles convinha-lhes dizer que eu era o malvado da história e continuam a dizer.

Mas essa história é pública?

Esta história é pública, sabe-se, mas há histórias públicas que são verdadeiras que desaparecem sob a mentira que as cobre, e dessa mentira fazem parte essas pessoas que lhe dizem: «Ah, bom, sim, mas ele quando esteve no *Diário de Notícias...*» e ninguém sabe exatamente, ou melhor, se querem saber, sabem. A grande diferença é que não querem saber, convêm-lhes mais a versão falsa do que a versão autêntica dos factos. Não suspendi ninguém, não demiti ninguém. O Miguel Sousa Tavares é um dos grandes arautos dessa história do *Diário de Notícias*, de vez em quando volta a esse assunto. Um dia na televisão dei-lhe uma entrevista em que lhe contei o que se tinha passado. O mesmo que nada, não importa, não importa,

não importa que tu digas a verdade se essa verdade tua vai contra as mentiras socialmente aceites... e a mentira socialmente aceite é esta – que eu persegui, que eu demiti jornalistas do *Diário de Notícias*.

Mas isso foi aquela época em que toda a gente dizia que o socialismo era um caminho...

Ah, eles disseram muita coisa, o Mário Soares também mandava estudar Marx, e depois a certa altura metem o socialismo na gaveta e não se falou mais de socialismo, homem! Essa história está por contar.

Mas a sua relação com o Mário Soares mudou entretanto também...

Ah, é claro, o Mário Soares lembra-me aqueles generais que quando se reformam passam a ser pacifistas. Bem, quantos casos há...

Mas acha que é quando se reformam ou é a idade?

Não, quer dizer, naquela altura estava na vida política ativa e não podia, ou não podia ou não queria, ou não estava para isso... considerar os aspetos ideológicos e de princípio, e o que era necessário era ganhar eleições e continuar no poder, e depois saiu e agora, enfim, eu um dia disse-lhe: «Por que não vai a Portalegre ao fundo social mundial?» E ele foi! E veio de lá entusiasmadíssimo, enfim... Eu sorrio, já vi passar muita água debaixo das pontes.

PILAR

Quijote, Franco y la bandera de España

BUENO, VALE, ME QUITO LAS GAFAS. Me quito las dos, porque con las de cerca ya es insoportable. Esa agua de los *cães*, si pudiéramos quitarla de ahí... porque, si no, alguien va a meter el pie seguro.

Está muito bonita, Pilar.

¿Sí?

Depois, se não estiver bonita, a Pilar dá-me com um pau em cima da cabeça.

No, no, con el *pau* me han dado a mí, que tengo un dolor de cabeza... ¿Cómo va el sonido?

Perfeito. Queria pedir-lhe uma coisa que é meio esquisita, mas que eu sempre faço, queria que a Pilar fizesse uma espécie de bilhete de identidade, que me dissesse o seu nome, o nome dos seus pais, onde nasceu, a cidade.

¿Y por qué no lo miras en Internet? Ah, Dios mío, por Dios, qué *vergonha*. Yo soy profesional. Puedo hablar... pero me siento tan ridícula diciendo que me llamo Pilar del Río, que nací en Sevilla... ¿Dónde tengo que mirar?

Para mim.

Me llamo Pilar del Río. Nací en Sevilla en mil novecientos cincuenta. Mi padre se llamaba Antonio. Mi madre se llama Carmen. Tengo quince hermanos y soy periodista.

Era só isso mesmo. Pronto. A mais velha. No outro dia a Pilar contou-me que tinha tido uma infância complicada... complicada no sentido de ser mais velha do que os seus irmãos e de ter tido de tomar conta deles. E uma vez eu li um texto de uma conferência que a Pilar deu na Universidade de Lisboa sobre Dom Quixote, sobre o ódio que tinha a Dom Quixote. E eu gostava que me explicasse um bocadinho as suas origens, a sua infância, a sua vida, porque eu sei que a Pilar é jornalista, mas sei pouco mais do que isso. E gostava que me falasse um bocadinho de como foi o seu trajeto.

Odiaba al Quijote cuando era pequeña, lo mismo que odiaba la bandera de España y lo mismo que odiaba a Franco y lo mismo que odiaba todos los mitos que nos quisieran imponer a la fuerza. Estudié en un colegio de teresianas, que en la *altura*, pese a ser de la Iglesia católica, era progresista. El Concilio Vaticano II influyó de una forma definitiva en mí, porque supe que había que hacer cambios y que cambiar era vivir y mantenerse mirando al futuro. O momificarse, cosa terrible. Odio a las momias, todas las momias. Odiaba el Quijote porque le gustaba a Franco y porque lo identificaban con el espíritu de lo español. Y me parece horrible lo español como me parecen horribles las patrias. Luego fui creciendo, me di cuenta de que el Quijote era un pobre hombre y, en tanto que pobre hombre, empezó a gustarme. Los que fuimos niños en los cincuenta vivimos con penalidades y con estrecheces. España venía de la posguerra y, sobre todo, teníamos la presencia horrorosa y omnipresente de Franco. Después llegamos a la universidad. Vivimos los años sesenta. O yo viví

los años sesenta, bueno, parte, en la universidad. Lamentablemente, en el sesenta y ocho no sabía de que estaba pasando algo importante. Me enteré que había sucesos años después. Pero, bien, es verdad que estábamos preparando España para la democracia. Pertenezco a una generación afortunada que ha hecho el cambio en España, que nos mantenemos activos, que no nos hemos rendido nunca. Y cada vez que alguien pretende utilizar los símbolos de un país o cada vez que alguien esgrime una bandera, incluso en los partidos de fútbol, eso me repugna. Me parece absolutamente horroroso ese uso patrioterico de símbolos que, al final, no significan nada. Que no son nada más que un logotipo, o sea, cada vez que miro a la gente exaltada y emocionada con logotipos me parece ridículo o patético! Esa es mi formación sentimental y en eso milito.

E seus pais o que faziam?

Mi madre era una resignada ama de casa madre con quince hijos y mi padre era un cabeza de familia, según mandaban los cánones de la época y según mandaban los principios. Un ordeno y mando. Un hombre autoritario que, en su escala de valores, no sé si Franco o Dios estaba primero, pero, en cualquier caso, Dios y Franco eran los que mandaban y, supuestamente, ellos, a los hijos, nos llegaban a través del padre. Por eso, a la mayoría de los hijos no nos gustaban ni Dios ni Franco, y muchísimas cosas de mi padre, tampoco.

Então a relação com seu pai não era muito próxima?

No. Pero ¿y la de quién? Vivimos siempre en la mentira. Nacemos en la mentira, nos criamos en la mentira y la mentira forma parte de nuestra existencia siempre. ¡Ah, la familia! Pilar sacrosanto. Una de las frases más interesantes sobre la familia se la oí a Bernardo Bertolucci en el *Último tango en París*, cuando la chica que estaba con él dijo: «Me tengo que

ir porque me espera la familia», y él dijo: «¿La familia? Métete el dedo en el culo y luego huele. ¿A qué huele? ¿A mierda? Pues ese es el olor de la familia.» La primera mentira que dicen todos los seres humanos es por culpa de la familia, la primera tergiversación, la primera hipocresía. No, pero todo el mundo la defiende... aunque se odien entre ellos, o se ignoren... ¿La familia? ¿Sabes lo que es la familia? Esa cosa que se pelea después por una herencia. Eso es la familia. Esa cosa que se tira de los pelos. Por cierto, yo tengo una familia maravillosa, pero como me vaya a mí no significa que le tenga que ir a todo el mundo. Nosotros, los quince hermanos, nos llamamos a nosotros mismos «la tribu», y quizá sea así porque repugnamos tanto de ese sentido tradicional de familia.

No meu caso, tenho uma relação muito distante com o meu pai. Mas com a minha mãe tenho uma relação forte e falamos todos os dias... Qual era a pessoa de que se sentia mais próxima?

Padres son padres. No son amigos. O sea, los padres son los padres. Punto. Evidentemente, siempre se tiene una relación más cercana con la madre. Yo hablo todos los días con mi madre. Y casi los quince hijos, prácticamente, hablamos todos los días con mi madre. Estemos donde estemos. Pero no es mi amiga, es mi madre, y si tengo que dar la última gota de sangre por ella, la daré, pero no es mi amiga. Es mi madre.

A minha mãe também é minha amiga. (Expressão de perplexidade de Pilar.) É verdade, a sério, conto tudo à minha mãe...

¡Por favor! Ah, sí, la llamas y le dices, «mamá, mira, ayer me acosté con no sé quién... Fue estupendo, ay, ¡qué divertido!» ¡Venga ya, hombre! Dios mío, qué perversión.

Mas a Pilar tem uma relação mais próxima com o Juan-jo da que tinha com a sua mãe?

No, por Dios. Yo no creo que en mí se tenga que reproducir algo distinto de lo que se ha repetido a lo largo de la historia. Para mi hijo yo soy una *chatice*, como mis padres lo eran para mí, o sea, y como los padres de todo el mundo. Ahora, esto que estoy diciendo puede provocar escándalo, pero todo el mundo, en el fondo, sabe que es verdad. Se dice: «¡Cielos! ¡Domingo! Hay que ir a almorzar a casa de mi madre ¡qué horror!» Y luego, sin embargo, si se tienen que hacer una fotografía, pues hala: «¡Ah, la familia, qué bien!» Venga, por Dios. ¿Quieres que hablemos de la familia? ¿De la familia de Clinton? ¿La familia de los políticos haciéndose la foto para ganar votos? Venga, hombre, por favor. Y luego están esperando llegar al despacho para ver a quién meten debajo de la mesa. Vamos, a ver qué becaria consiguen...

Voltando às suas origens e à família... a Pilar vem de uma família humilde?

No, no, no. No era una familia humilde. Yo vengo de una familia de clase media con acceso a la cultura. Por parte de madre, de moderados terratenientes... Vivíamos dentro de las limitaciones y los problemas que toda España tenía en la posguerra, pero no es una familia humilde. Es una familia donde los quince hijos tuvieron acceso a la universidad.

Todos? Quinze filhos são muitos filhos...

Sí. También es verdad que, aunque en España seamos un país mediterráneo y latino, no fueron papá y mamá quienes pagaron las carreras... Porque la gente se mueve y entre los quince movimos mucho aire... Vivíamos en la mejor calle de Granada y estudiábamos en buenos colegios. Éramos una familia de clase media con acceso, insisto, a la cultura. Que es

el mejor y único bien posible. Y que nos fuimos haciendo los unos a los otros. Los que eran mayores ayudaban a los que venían detrás. Los más madrugadores se vestían mejor. Los que se quedaban en la cama más tiempo, al final, se vestían como podían o no se levantaban... Pero eso era lo normal, lo normal en los años cincuenta y sesenta en España. Es que veníamos de una guerra.

E a Pilar acordava mais cedo ou mais tarde?

Yo era la primera en levantarme. Nunca he dormido mucho. Pero como siempre he sido austera y no tenía ni calor en verano ni frío en invierno, pues no me tenía que poner la ropa de ninguno de mis hermanos. No suelo tener ni frío ni calor, ni hambre ni sed. Soporto muy bien todas esas contingencias...

E quando a Pilar era pequena... não sei se isso mudou ou não, comigo mudou várias vezes... Quando a Pilar era pequena, o que queria ser quando fosse grande?

Pues siempre supe que iba a ser periodista. Aprendí a leer en los periódicos, oía las radios, los partes, que eran los informativos de la dictadura. Sabía que un día estaría dentro de una radio. Nunca he tenido ningún problema ni ansiedad ni cosas así. He estudiado otras materias, porque no había facultad de periodismo en Granada, ni luego en Sevilla. Pero... siempre he sabido que quería ser periodista. porque quería contar. Y siempre sabía que escribiría. porque me gustaba escribir y porque sé escribir.

E depois, começou em Granada, não é?

Empecé los estudios en Granada, seguí en Sevilla y acabé en Madrid, en la Complutense.

No outro dia a Pilar estava a contar aquela coisa que lhe tinha acontecido na rádio, que a tinham recusado...

De lo dicho hasta aquí no hay nada que tenga interés, pero, bueno, yo sigo hablando.

Hubo un momento en que, creo, era la única mujer periodista que había en Sevilla, al menos que hiciera calle. Y cuando empecé a intervenir en la radio, contando cosas, sonaba ridícula, porque yo hablo en andaluz y no castellanizaba, no pronunciaba todas las letras y eso era obligatorio, los locutores tenían que hacerlo. Entonces, cuando yo empecé a hablar sin pronunciar todas las letras, de acuerdo con la norma andaluza – que no es un idioma, es una norma –, llamó mucho la atención y hubo un movimiento de repulsa porque parecía que una pobre, alguien no preparado, estaba hablando por la radio. ¿Cómo se iba a tolerar eso? Una persona sin la voz adecuada y sin la pronunciación perfecta del castellano, que ni siquiera era el castellano de Castilla, yo creo que era el castellano del régimen, porque todo estaba relacionado siempre con Franco... Y hubo un movimiento de repulsa, pero también hubo otro a favor, y fue muy interesante porque hubo un debate acerca de si el andaluz podía entrar en los medios de comunicación, y me defendieron personas a las que yo respeto mucho, intelectuales, profesores... Y, bueno, hoy en todas las emisoras andaluzas se habla en andaluz.

A Pilar parece muito forte, muito prática, muito...

Mira, años cincuenta, España, guerra, Franco, iglesia. La única salida que teníamos los seres humanos que vivíamos en este desgraciado país era la Iglesia. En los años sesenta empezó a haber un movimiento interesantísimo dentro de la Iglesia, que eran los curas obreros, los movimientos por el socialismo. Entonces, de alguna forma, las personas que éramos y que, por lo tanto, íbamos a la iglesia porque era lo que

había, empezamos a pasar del concepto de caridad al concepto de solidaridad, dentro de las propias estructuras de la Iglesia. Dije antes que el Concilio Vaticano II a mí me pareció un logro y un hallazgo. Y luego ya era muy fácil pasar desde los movimientos de solidaridad, dar el siguiente paso, que era vincularse con las fuerzas progresistas que estaban organizadas, que en España era sola y exclusivamente el Partido Comunista. Así que comencé a colaborar con el Partido Comunista en los años sesenta, finales de los sesenta, en Granada, en la organización universitaria. Yo era representante de mi curso, y teníamos las asambleas de distrito. Luego, ya cuando me fui a Sevilla, continué la vinculación con el Partido Comunista. La continué como profesional. Participé de alguna forma en la Junta Democrática que iba a dar paso, luego, a la reforma de las leyes. Era la preparación de la Transición. Franco todavía estaba vivo. La Junta Democrática se formó en París, pero se crearon juntas democráticas en los barrios, en las fábricas, en los colegios profesionales, y ahí estuve y ahí participé.

JOSÉ

Bilhete de identidade

EU CHAMO-ME JOSÉ DE SOUSA SARAMAGO, mais conhecido por José Saramago.

Nasci numa aldeia do concelho da Golegã, distrito de Santarém, chamada Azinhaga. No meu bilhete de identidade diz que eu nasci no dia 18 de novembro de 1922, mas não é verdade, nasci no dia 16, porque como a declaração de nascimento se fez dois dias atrasada em relação ao prazo, para não pagar a multa mudaram-me o dia de nascimento para o dia 18. Divido a minha vida por entre Lisboa e Lanzarote. Sou escritor, quer dizer, escrevo, tenho o privilégio infinito de viver daquilo que escrevo. E não sei se há mais alguma coisa para contar... ah, há mais uma coisa para contar: o nome do meu pai, que ficou por dizer. A minha mãe chamava-se Maria da Piedade e o meu pai foi batizado com o nome de José de Sousa. Acontece que na aldeia, naquele tempo, e suponho que ainda agora, as famílias eram conhecidas por alcunhas e a alcunha da família do meu pai era Saramago, os Saramagos. Quando se fez a declaração do meu nascimento na Conservatória do Registo Civil da Golegã, o funcionário perguntou ao meu pai: «Então como é que se vai chamar o rapaz?» E o meu pai disse-lhe: «Como o pai dele.» «Como o pai dele» significaria que eu deveria chamar-me José de Sousa, tal como ele, mas o funcionário resolveu escrever por sua conta e risco:

José de Sousa Saramago. Até aos sete anos este mistério não se desvendou, mas quando foi preciso apresentar uma certidão de nascimento na escola, «Oh, céus!», havia ali uma ilegalidade. Como é que um homem chamado José de Sousa e uma mulher que se chamava Maria da Piedade tinham um filho chamado José de Sousa Saramago? Donde é que tinha vindo aquele Saramago?, perguntava a lei. Então o meu pai teve de dar uma explicação, mas a explicação não convenceu... ou melhor, convenceu, as pessoas acreditaram que se tinha passado aquilo. Mas o meu pai não teve outro remédio senão fazer um novo registo do seu próprio nome, em que passou a ser também José de Sousa Saramago porque não tinha sentido que um Saramago fosse filho de um Sousa, um Saramago tinha que ser filho de um Saramago. De maneira que às vezes eu digo que suponho que foi o primeiro caso em que o filho deu o nome ao pai.

Como bilhete de identidade aí o tem bastante completo.

(Levanta-se.)

Índice

Prefácio	
Diálogo, por Valter Hugo Mãe	9
SOBRE OS SONHOS	
«O milagre é que isto funcione.»	15
O Sonho do Triângulo <i>take 1</i>	16
O Sonho do Triângulo <i>take 3</i>	17
O Sonho do Rio	19
Sobre os Sonhos	20
JOSÉ	
A famosa história do <i>Diário de Notícias</i>	23
PILAR	
Quijote, Franco y la bandera de España	29
JOSÉ	
Os nossos pés a marcar o destino	39
PILAR	
Huele a tomillo, quizá sea la vida	49
JOSÉ	
O grande acontecimento da minha vida	67

PILAR	
Creo que se vive de amor	89
JOSÉ	
A casa, a ilha, os limites do universo	109
PILAR	
La tierra es una	129
JOSÉ	
Uma simples frase dita que desse a volta ao Mundo	149
PILAR	
Fuerza para combatir, que es el mayor privilegio	165
JOSÉ	
As intermitências da morte	183
PILAR	
Un vaso que se vacía	195
BILHETE DE IDENTIDADE	205
Créditos fotográficos	207
Agradecimentos	208